

Diniz adverte: economia ^{Brasil} poderá sofrer estagnação

27 JAN 1962

Ninguém deverá se surpreender se, num horizonte mais longínquo, os brasileiros se depararem com uma economia saudável, porém estagnada, advertiu ontem o empresário Abílio dos Santos Diniz, presidente do Grupo Pão de Açúcar ao tornar posse como membro do Conselho Superior de Economia da Fiesp. Em sua opinião, a atual falta de investimentos industriais, seguramente, terá reflexos em futuro próximo.

As altas taxas de juros internos — “estimuladas pelo governo para incentivar a captação de empréstimos externos, em dólares” — é, sem dúvida, o fator inibidor do crescimento econômico, afirmou, citando, ainda, outro “freio mais perigoso que o primeiro”, o receio do governo de retomar o crescimento econômico moderado e, com medidas embora tímidas, acabar estimulando o crescimento econômico desenfreado.

“É natural uma cautela muito grande por parte do governo para evitar taxas de crescimento da economia a níveis acima dos suportáveis. Mas o receio em excesso é prejudicial. Já existem mecanismos de ação capazes de conter qualquer exagero, os quais o governo já conhece bem, por tê-los utilizado com relativa frequência”, explicou Diniz.

O empresário argumentou que é chegada a hora de reativar-se a economia, advertindo que, para isso, o governo deve adotar medidas imediatas para conter as elevadas taxas de juros internas. Descapitalizadas, as indústrias reduziram a nada os seus investimentos e o risco que isso traz a economia, a médio e a longo prazos, é muito sério, disse. “De que adianta uma economia sãeada e estática?”

Não há o mais leve sinal de que a calmaria vá se modificar, ironizou Abílio Diniz, ao afirmar: “Nada nos leva a crer que a economia será reaquelada. Aguarda-se o sopro do ministro Delfim Netto, do Planejamento”. De concreto,

até agora, acrescentou o empresário, o governo não fez nada para reativar a economia. “Ao contrário, os indicadores disponíveis mostram que isso dificilmente acontecerá, pois tem-se um orçamento monetário bastante austero, um orçamento fiscal controlado e orçamentos para as estatais cerca de 50% inferiores aos anteriores”.

SUSTOS

Abílio Diniz fez, também, alguns comentários sobre questões políticas: “A abertura do presidente Figueiredo é segura, mas nos reserva alguns sustos, como aquele do pacote eleitoral”. Mas ele justificou o ato governamental por entender que, às vezes, “dá-se um aparente recuo, quando se está interessado em caminhar para a frente”. E foi mais além: “É claro que o presidente Figueiredo, quando jurou fazer deste país uma democracia, não estava dizendo que daria o poder à oposição de mão beijada”.

CONSOLIDAÇÃO

Taxas de juros internacionais, preços do petróleo e outras matérias-primas em “níveis estáveis” devem ser aproveitados pelo governo para a consolidação da abertura econômica que tire a empresa brasileira dos dias difíceis que está vivendo, afirmou ontem em São Paulo o empresário Abram Szajman, presidente em exercício da Federação do Comércio do Estado de São Paulo.

O superávit comercial, a redução da inflação para menos de 100% e a manutenção do fluxo de capitais necessários ao ajuste das contas externas são resultados aparentemente modestos para a economia brasileira, disse o presidente da entidade, para quem o governo deve adotar uma política de reativação das atividades econômicas. Para isso — acrescentou —, o governo deve induzir o sistema financeiro a reduzir as taxas de juros.

ESTADO DE SÃO PAULO